As boas novas para o varejo

Segmento de produtos semiduráveis, que inclui vestuário, calçados, livrarias e artigos esportivos, é o grupo que tem apresentado desempenho mais constante./J.F. Diorio-Estadão Conteúdo

O Instituto para Desenvolvimento do Varejo (IDV) informou ontem que vê boas pespectivas para o comércio neste e nos próximos dois meses, ao prever crescimento das vendas de 5,6% em agosto, 7,2% em setembro e e 8,7% em outubro, sempre em comparação com os mesmos períodos do ano passado.

A previsão está no Índice Antecedente de Vendas (IAV-IDV), estudo realizado mensalmente com os 44 associados do instituto – empresas varejistas de diferentes setores.

No mês de julho, segundo o IDV, as vendas do varejo cresceram 5,2% ante igual período do ano passado. Essa marca ficou abaixo da previsão da instituição (alta de 6,6%) mas acima do mês anterior, quando registraram queda de 1% na comparação anual. Segundo informou em nota o presidente da entidade, Flávio Rocha, os resultados foram favorecidos pela desaceleração da inflação dos alimentos e transportes e a manutenção do emprego e renda.

O varejo de não duráveis, segundo o levantamento, estabilizou em níveis baixos em julho (alta de 1%) mas a previsão é de que se recuperará um pouco em agosto, para 2,1% e acelerará depois: 5,4% em setembro e 8,6% em outubro.

Já o setor de bens semiduráveis, que inclui vestuário, calçados, livrarias e artigos esportivos, foi o grupo com desempenho mais constante no período: alta de 10% das vendas de julho. As estimativa de crescimento são de 9,7% em agosto, 10,1% em setembro e 11% em outubro.

Apesar do retorno gradual das alíquotas originais do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) para linha branca e móveis, os associados do IDV estimam que o segmento de bens duráveis retome taxas significativas de crescimento, com alta de 7,9% em agosto, 7,7% em setembro e 7,2% em outubro. No mês passado, a elevação registrada no segmento foi de 7,9%.

Serviços supera marca do R$ 1 tri

O setor de Serviços, que representa dois terços do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, faturou R$ 1 trilhão em 2011, 16,8% a mais que em 2010, informou a Pesquisa Anual de Serviços 2011 divulgada ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O Sudeste lidera a geração de receita, com 66,6% do total, além de ter pago 67,4% dos salários e empregado 60,7% das pessoas ocupadas.

Os segmentos mais destacados foram os serviços de transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio, com receita de R$ 286,2 bilhões. Na sequência, vieram serviços

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais.

profissionais, administrativos e complementares – inclui serviços técnico-profissionais, agências de viagens, aluguéis não imobiliários e gestão de ativos intangíveis e não financeiros, entre outros –, com R$ 266 bilhões. Serviços de informação e comunicação, que ocupavam o segundo lugar, atrás dos transportes em 2010, passaram a terceiro com faturamento de R$ 258,4 bilhões. Junto com os serviços profissionais, administrativos e complementares (25,6%), esses três setores foram responsáveis por 81% de todo o faturamento do setor.

Os salários, na mesma comparação (2010/2011) aumentaram 18,8%, para R$ 202,7 bilhões enquanto o número de empregados cresceu menos (8,9%) apesar de o número de empresas ter expandido de 969 mil em 2010 para 1,08 milhão em 2011. O número de pessoas ocupadas no setor de serviços chegou perto de 11,4 milhões.

Produtividade – A produtividade em todo o setor de serviços do País, segundo o IBGE, cresceu em média 3,2% entre 2007 e 2011, acima da variação do salário médio mensal, que registrou 2,8%.

O segmento de serviços de manutenção e reparação alcançou o maior crescimento da produtividade (8,3% ao ano), seguido das atividades imobiliárias (7,9%), ambos com variação da produtividade superior à dos salários dos trabalhadores (4,0% e 2,1% respectivamente).

Salários – Os salários no setor superaram a produtividade apenas nos segmentos de serviços de informação e comunicação e nos serviços prestados principalmente às famílias.

As áreas em que os salários aumentaram mais foram as de serviços de informação e comunicação (3,7%) e serviços profissionais, administrativos e complementares (3,4%).

Confiança das empresas oscila

As empresas de serviços estão mais confiantes nos rumos da economia do País que as do comércio, revelam duas pesquisas da Fundação Getulio Vargas (FGV) divulgadas ontem. O Índice de Confiança de Serviços (ICS) subiu 4,3% em agosto na comparação com julho ao passar de 111,7 pontos para 116,5 pontos, recuperando parte da perda registrada no mês anterior, quando recuara 6,4%, atingindo o menor nível desde junho de 2009.

"O movimento caracteriza-se como de acomodação, sendo ainda insuficiente para reverter a trajetória declinante da confiança observada desde o final do ano passado", avalia a FGV. "O resultado pode ser atribuído, em parte, à devolução da queda expressiva no mês anterior, mas é insuficiente para configurar interrupção na trajetória recente de declínio da confiança empresarial na atividade de serviços".

Queda – Já o Índice de Confiança do Comércio (Icom) caiu 2,8% na média do trimestre concluído em agosto frente a igual período do ano passado, ao passar de 125,8 pontos para 122,2 pontos. Apesar da queda, o resultado mostra melhora em relação ao período de três meses findos em julho, quando houve queda de 3,4%, para o menor nível da série histórica iniciada em março de 2010. Segundo a FGV, "o resultado geral da pesquisa indica que o setor opera em ritmo de atividade moderado, com possibilidade de aceleração ao longo do terceiro trimestre".

Fonte: Diário do Comércio, São Paulo, 29 ago. 2013. Economia, p. 14.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais.